

FUNDAMENTOS DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

AS CONFERÊNCIAS DE TAVISTOCK, LONDRES-1935.

TERCEIRA CONFERÊNCIA

(JUNG, C.G. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 2001, volume XVIII/1).

Nota: os números em colchetes indicam os números dos parágrafos originais do livro e servem de referência bibliográfica.

O Presidente (Dr. Maurice B. Wright)

[145] SENHORAS e senhores, foi-me dado o prazer de presidir a conferência de hoje a ser proferida pelo Prof. Jung. Da mesma forma senti-me honrado, há vinte anos atrás, em encontrar o Prof. que vinha a Londres dar uma série de orientações¹. Nessa época havia apenas um pequeno grupo de médicos com propensão para a psicologia. Lembro-me bem que depois das reuniões costumávamos ir a um pequeno restaurante no Soho, e conversávamos até ficar exaustos. Obviamente todos tentavam extrair o máximo do Prof. Jung. Quando nos despedimos ele me disse, sem grande seriedade: "*Acho que você era um extrovertido que se está introvertendo*". Francamente, isso tem-me dado o que pensar desde então.

[146] Permitam-me apenas uma palavra sobre a conferência de ontem. Julgo que o Prof. nos deu uma boa ilustração de seu trabalho e de suas concepções quando nos falou do telescópio. Munido dele o homem pode ver bem melhor do que a olho nu. Aí está exatamente a posição do nosso conferencista: com os seus óculos característicos, por meio de sua pesquisa especializada, adquiriu tal conhecimento, tal visão da psique humana que é difícil para nós captá-la. Obviamente, será impossível para ele, no espaço de poucas conferências, dar-nos mais que um breve esboço da visão que conseguiu. Na minha opinião, portanto, o que parecer indistinto não o será por obscurantismo, mas sim por uma questão de lentes. Minha própria dificuldade está em que, com os músculos de acomodação já endurecidos, ser-me-á impossível enxergar um dia essas coisas de maneira clara, mesmo que o Prof. me empreste os seus óculos. Entretanto sei que seremos todos atraídos pelo que ele nos vai dizer. E sei o quanto será estimulante para nosso pensamento, especialmente num domínio onde a especulação é tão fácil e a prova tão difícil.

Prof. Jung

[147] Senhoras e senhores, ontem deveríamos terminar a parte dos testes de associação, mas acabaríamos ultrapassando o tempo permitido. Assim espero que me perdoem por voltar outra vez ao mesmo assunto, não que eu seja particularmente apaixonado por testes de associação. Uso-os apenas em caso de necessidade, mas eles são realmente o fundamento de certas concepções. Falei-lhes ontem sobre perturbações características. E creio que talvez fosse bom resumirmos tudo que existe sobre os resultados da experiência, principalmente no campo dos complexos.

[148] Um complexo é um aglomerado de associações — espécie de quadro de natureza psicológica mais ou menos complicada — às vezes de caráter traumático, outras, apenas doloroso e altamente acentuado. Tudo o que se acentua demais é difícil de ser conduzido. Se, por exemplo, qualquer coisa é muito importante para mim, começo a hesitar quando tento executá-la e provavelmente os senhores já observaram que ao me fazerem perguntas difíceis não consigo respondê-las imediatamente porque o assunto é importante e o meu tempo de reação muito longo. Começo a gaguejar e a memória não fornece o material desejado. Tais distúrbios são devidos a complexos — mesmo que o assunto tratado não se refira a um complexo meu. Trata-se simplesmente de um assunto importante, tudo que é acentuadamente sentido torna-se difícil de ser abordado, porque esses conteúdos encontram-se, de uma forma ou outra, ligados com

¹ "On the Importance of the Unconscious in Psychopathology" e "On Psychological Understanding", ambas conferências levadas a efeito em 1914 (in C.W., vol. 3).

reações fisiológicas, com os processos cardíacos, com o tônus dos vasos sanguíneos, a condição dos intestinos, a enervação da pele, a respiração. Quando houver um tônus alto, será como se esse complexo particular tivesse um corpo próprio e até certo ponto localizado em meu corpo, o que o tornará incontrolável por estar arraigado, acabando por irritar os meus nervos. Aquilo que é dotado de pouco tônus e pouco valor emocional pode ser facilmente posto de lado porque não tem raízes. Não é aderente.

[149] Senhoras e senhores, isto nos conduz a alguma coisa realmente importante. O complexo, por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele. Comportar-se, enfim, como uma personalidade parcial. Quando se quer dizer ou fazer alguma coisa, e, desgraçadamente, um complexo intervém na intenção inicial, acaba-se dizendo ou fazendo a coisa totalmente oposta ao que se queria de início. Há subitamente uma interrupção, e a melhor das intenções acaba sendo perturbada, como se tivéssemos sofrido a interferência de um ser humano ou de uma circunstância exterior. Sob essas condições somos mesmo forçados a falar da tendência dos complexos a agirem como se fossem movidos por uma parcela de vontade própria. Quando se fala em força de vontade, naturalmente se pensa em um ego. Onde, pois, está o ego ao qual pertence a força dos complexos? O que conhecemos é o nosso próprio complexo do ego, que supomos ter o domínio pleno do corpo. Não é bem isso, mas vamos considerar que ele seja um centro que está de posse do corpo, que exista um foço, denominado ego, dotado de vontade e que possa fazer alguma coisa por meio de seus componentes. O ego é um aglomerado de conteúdos altamente dotados de energia e, assim, quase não há diferença ao falarmos de complexos e do complexo do ego.

[150] Pois os complexos têm um certo poder, uma espécie de ego; na condição esquizofrênica eles se emancipam, em relação ao controle consciente, a ponto de tornarem-se visíveis e audíveis. Aparecem em visões, falam através de vozes que se assemelham às de pessoas definidas. A personificação de complexos não é, em si mesma, condição necessariamente patológica. Nos sonhos eles freqüentemente parecem personificados. E uma pessoa poderá treinar a tal ponto, que os fará visíveis ou audíveis quando acordada. Faz parte de um determinado treinamento de ioga dividir a consciência em seus componentes, fazendo-os aparecer como personalidades definidas. Na psicologia de nosso inconsciente há figuras típicas que têm vida própria e definida².

[151] Tudo isso se explica pelo fato de a chamada unidade da consciência ser mera ilusão. É realmente um sonho de desejo. Gostamos de pensar que somos unificados; mas isso não acontece nem nunca aconteceu. Realmente não somos senhores dentro de nossa própria casa. É agradável pensar no poder de nossa vontade, em nossa energia e no que podemos fazer. Mas na hora H descobrimos que podemos fazê-lo até certo ponto, porque somos atrapalhados por esses pequenos demônios, os complexos. Eles são grupos autônomos de associações, com tendência de movimento próprio, de viverem sua vida independentemente de nossa intenção. Continuo afirmando que o nosso inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo constituem um indefinido, porque desconhecido, número de complexos ou de personalidades fragmentárias.

[152] Esta idéia explica muita coisa; explica, por exemplo, a razão de o poeta personificar e dar forma a seus conteúdos mentais. Quando se cria um personagem no palco, ou num poema, drama ou romance, normalmente se pensa que isso é apenas um produto da imaginação, mas aquele personagem, por um caminho secreto, fez-se a si mesmo. Qualquer escritor pode negar o caráter psicológico de suas criações, mas na verdade todos sabem da existência desse caráter. Esta é a razão de poder-se ler a psique de um escritor ao estudar-se as suas criações.

[153] Os complexos são então, personalidades parciais ou fragmentárias. Quando falamos de complexo do ego, logicamente o imaginamos ligado a uma consciência, pois o relacionamento dos vários elementos com o centro, em outras palavras, com o ego, é denominado consciência. Mas também temos o agrupamento de conteúdos em relação a um centro e a outros complexos. A partir daí podemos perguntar: "*Os complexos representam uma consciência particular?*" Se estudarmos o espiritismo manifestado através da escrita automática ou por meio de um médium, veremos que os chamados espíritos apresentam uma consciência particular. Por isso, pessoas

² Ver por exemplo as figuras de animus e anima (cf. *Two Essays on Analytical Psychology* in C.W., vol. 7, pars. 296ss).

predispostas estão inclinadas a crer que os espíritos sejam o fantasma de uma tia, de um avô falecido e assim por diante. A explicação disto se deve à personalidade mais ou menos definida que é traçada nessas manifestações. É evidente que quando tratamos de casos de insanidade, ficamos bem menos inclinados a crer em fantasmas. Passamos a enxergar, então, a patologia de tais casos.

[154] O mesmo se dá com os complexos, e eu insisto em sua relação com a consciência por eles representarem um grande papel na análise onírica. Os senhores se lembram do meu diagrama (Fig. 4), mostrando as diferentes esferas da mente e no meio, o centro obscuro do inconsciente. Quanto mais nos aproximamos daquele centro, tanto mais se experimenta o que Janet chamou *abaissement du niveau mental*: a autonomia da consciência começa a desaparecer, ficando-se mais e mais sob o fascínio dos conteúdos inconscientes. A autonomia da consciência perde sua tensão e força, que reaparecem na atividade aumentada dos elementos do inconsciente. Pode-se observar a forma extrema desse processo, quando se estuda cuidadosamente um caso de insanidade. A fascinação dos conteúdos do inconsciente torna-se gradualmente mais poderosa, até que o paciente mergulha neste mundo, sendo totalmente vitimado. Ele é, então, a presa de uma nova atividade autônoma, que não parte do ego, mas da esfera sombria.

[155] Para que se atinja um perfeito domínio dos testes de associação devo mencionar uma experiência bem diversa das que estamos vendo. Queiram perdoar-me se, para economizar tempo, não me prendo a detalhes de trabalho, mas estes diagramas (Figs. 8, 9, 10, 11) ilustram o resultado de volumosas pesquisas realizadas com famílias³. Eles representam a qualidade das associações. O pequeno ápice da Fig. 8, designado pelo n. XI é uma classe ou categoria especial de associações. O princípio das classificações é lógico e lingüístico.

[156] Não me vou deter nesse ponto e os senhores simplesmente terão que aceitar que estabeleci quinze categorias nas quais divido as associações. Realizamos testes com um grande número de famílias, compostas todas elas, por uma ou outra razão, de pessoas sem cultura, e

descobrimos que o tipo de associações é particularmente paralelo entre alguns membros da família; por exemplo, entre pai e mãe, ou entre a mãe e as crianças o tempo de reação é quase idêntico.

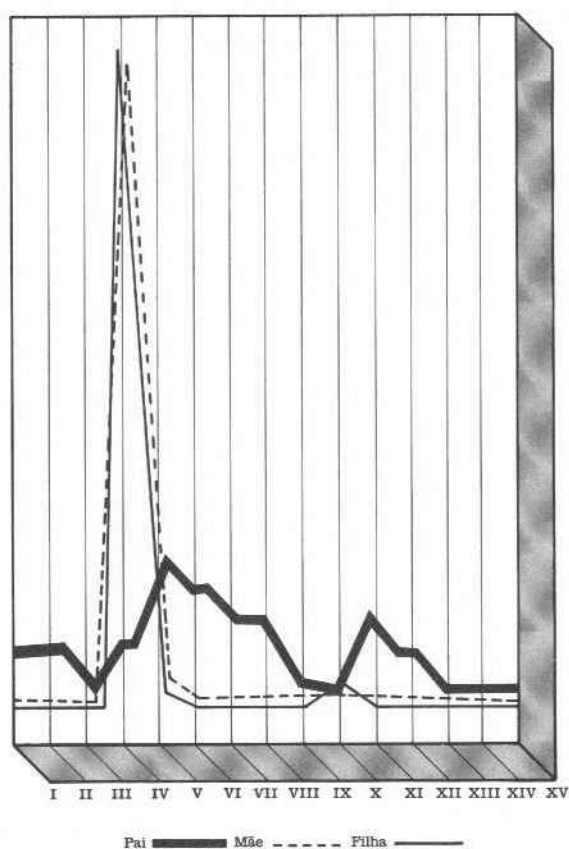


Fig. 8 — Teste de Associação de Família

[157] A Fig. 8 mostra um casamento extremamente infeliz. O pai e a alcoólatra e a mãe um tipo muito estranho. Vemos que a filha de dezesseis anos segue a mãe bem de perto. Aproximadamente trinta por cento das palavras correspondem a associações idênticas. É um caso surpreendente de participação, de contágio mental. Pensando bem nesse caso, podemos tirar certas conclusões. A mãe tinha quarenta e um anos e era casada com um alcoólatra, sendo a sua vida o mais redondo dos fracassos. Bem, a filha apresenta exatamente as mesmas reações que a mãe; se tal criatura, uma jovem, se lança ao mundo como se tivesse quarenta e cinco anos e fosse casada com um alcoólatra, imaginem os senhores o que irá acontecer! Esta participação explica por que a filha de um viciado, que teve um inferno como juventude, acabará procurando um outro bêbado para se casar. Caso ele não beba, ela acabará por transformá-lo em bêbado, por causa dessa identificação tão grande com um membro da família.

³ *The Familial Constellations* in C.W., vol. 2, e *The Significance of the Father in the Destiny of the Individual* (também in C.W., vol. 14), pars. 698-702.

[158] A Fig. 9 é também um caso surpreendente. O pai viúvo tinha duas filhas que viviam com ele em completa identidade. É lógico que isso é antinatural porque, ou ele reage como uma garota, ou as duas moças têm que reagir como um homem, mesmo na maneira de falar. Todo o quadro mental está envenenado pela intromissão de um elemento alienatório, pois, de fato, uma jovem não pode ser seu pai.

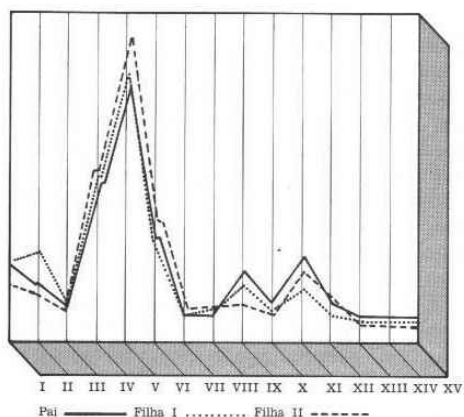


Fig. 9

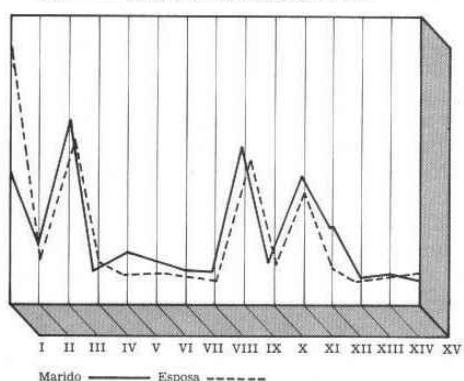


Fig. 10

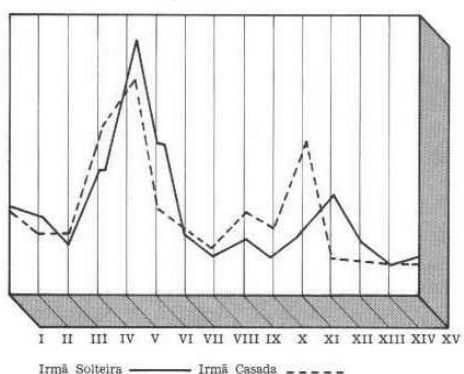


Fig. 11

Figs. 9, 10, 11 Famílias submetidas ao Teste da Associação

como por exemplo, a grafologia. A escrita de muitas esposas, particularmente as jovens, se assemelha à do marido. Não sei se as coisas ainda são assim, mas a natureza humana permanece mais ou menos a mesma. Às vezes os papéis se invertem, pois o dito sexo frágil eventualmente costuma mostrar a sua força.

[161] Caros presentes, agora vamos saltar a fronteira em direção aos sonhos. Não quero dar aqui nenhuma introdução à análise onírica⁴. Creio que o melhor caminho é mostrar-lhes como procedo em relação a um sonho e assim não se faz necessário uma explicação de ordem teórica, pois os senhores poderão ver quais são as minhas idéias subjacentes. Logicamente, faço um grande uso dos sonhos, pois eles constituem uma fonte objetiva de informação no tratamento psicoterapêutico. Quando nos é apresentado um caso, é muito difícil conter a torrente de idéias sobre ele. Mas quanto mais se souber sobre o caso mais se deve fazer o esforço heróico de não saber, para dar uma chance em aberto ao paciente. Tento sempre não ver e não saber. É bem melhor passar por estúpido, fazendo aparentemente papel de bobó, pois

⁴ "On the Practical Use of Dream Analysis", in C.W., vol. 16 (Ver também "General Aspects of Dream Psychology" e "On the Nature of Dreams", in C.W., vol. 8).

assim o paciente pode, com mais liberdade, apresentar o seu material. O que não significa que nos devemos fechar o tempo todo.

[162] Este é o caso de um homem de quarenta anos, casado, que antes nunca estivera doente. Sua aparência é boa, dirige uma escola pública; é um fulano muito inteligente que estudou uma psicologia atualmente ultrapassada, a psicologia de Wundt⁵, que nada tem a ver com os detalhes de vida humana, movendo-se na estratosfera das idéias abstratas. Recentemente este homem sentira-se muito perturbado por sintomas neuróticos. Uma espécie de vertigem o dominava de tempos em tempos; e mais: palpitações, náuseas e um estranho ataque de fraqueza e exaustão. Esta síndrome é o quadro de uma doença muito comum na Suíça, a doença das montanhas, mal que freqüentemente acomete pessoas não-acostumadas a grandes alturas. Perguntei-lhe: "*O senhor não estará sofrendo dessa doença?*" Respondeu-me: "*Sim, o senhor tem razão. É exatamente como a doença das montanhas*". Perguntei-lhe ainda se havia sonhado nos últimos dias, e ele contou-me três sonhos.

[163] Não gosto de analisar um único sonho em separado, pois a interpretação seria arbitrária. Pode-se especular o que bem se entender a respeito de um sonho, mas quando comparamos uma série de, digamos, 20 ou 100 deles, então poderemos ver coisas realmente interessantes. Enxerga-se o processo que se desenvolve no inconsciente, noite após noite, e a continuidade da psique inconsciente estendendo-se através do dia e da noite. Presumivelmente sonhamos o dia todo, embora não o percebamos, devido à clareza da consciência. Mas, à noite, quando se dá o *abaissement du niveau mental*, os sonhos irrompem, tornando-se visíveis.

[164] No primeiro sonho, o paciente se encontra numa pequena cidade suíça. Ele surge como uma figura muito solene, de casaco negro e longo; debaixo dos seus braços, carrega vários livros volumosos; há um grupo de rapazes, que ele reconhece como ex-colegas de classe. Olham o paciente e dizem: "*Não é sempre que esse fulano aparece por aqui*".

[165] Para compreendermos esse sonho, devemos lembrar que o paciente ocupa excelente posição e tem ótima cultura científica. Mas o nosso homem começou por baixo, e é realmente o que se pode chamar "*self made man*". Seus pais eram camponeses pobres, e ele trabalhou arduamente para chegar à posição atual. Muito ambicioso e cheio de esperanças de subir ainda mais. É como um homem que tenha, num dia, percorrido a distância do nível do mar, até à altura de montanhas de 6.000 pés, e dali ainda aviste picos de 12.000 pés, que se encontram muito mais acima de sua cabeça, como torres. O lugar em que o paciente se encontra dá acesso a esses picos, o que o faz esquecer que já galgou 6.000 pés, e começa imediatamente a galgar mais alto. Na verdade, embora não o saiba, ele está cansado dessa escalada, e, desta vez, encontra-se completamente incapaz de ir mais longe. Essa falta de consciência é a razão dos sintomas próprios da doença das montanhas. O sonho quer-lhe dar o quadro de sua situação psicológica atual. O contraste entre a figura solene, vestindo longo casaco preto e de livros grossos sob o braço, aparecendo na cidade natal, e os rapazes dizendo que ele não aparece sempre por ali, significa que o paciente geralmente não se lembra de onde veio. Pelo contrário, este homem só pensa em sua carreira, no futuro e na cátedra de professor que espera conseguir. O sonho o coloca de volta no ambiente de origem. Ele precisa considerar o quanto já conseguiu, se levarmos em conta suas condições iniciais. E, também, que há limitações para o esforço humano.

[166] O começo do segundo sonho é típico de uma atitude semelhante à sua. Ele sabe que deve ir a uma importante conferência e prepara sua pasta de papéis para isso. O seu tempo voa e o trem está para partir. O paciente cai no conhecido estado de precipitação e medo de chegar tarde demais. Tenta juntar suas roupas, não sabe onde está o chapéu, perdeu o casaco e aí começa a correr pela casa berrando: "*Onde estão as minhas coisas?*" Finalmente consegue encontrar tudo e sai correndo de casa, mas acaba por descobrir que esqueceu a pasta de papéis. Volta apressadamente e vê no relógio que o tempo está voando. Corre para a estação, mas a rua está tão mole quanto um pântano e seus pés não conseguem mover-se. Ofegante, ele chega à estação, a tempo de ver que o trem acabara de partir. Sua atenção é atraída pela estrada de ferro que aparece como no desenho abaixo.

[167] O paciente se encontra em. A, a cauda do trem se encontra em B e a máquina já está chegando em C. Observa o trem por muito tempo e pensa: "*Se pelo menos o maquinista, ao atingir o ponto D, tiver inteligência suficiente para não se precipitar a todo vapor... Se ele fizer*

⁵ Referência a Wilhelm Wundt, de Leipzig (1832 a 1920).

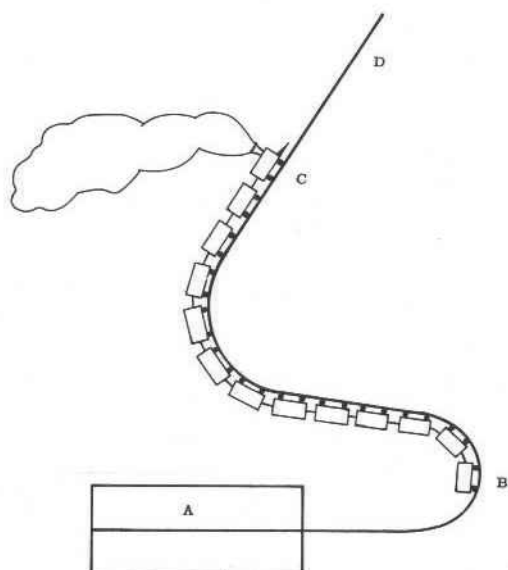


Fig. 12 — O Sonho do Trem

isso, o longo trem que está sendo puxado, e que ainda está fazendo a curva B, acabará descarrilhando". Bem, o maquinista chegou a D e abriu a válvula de vapor completamente; a máquina começa a puxar com mais força e o trem se precipita. O sonhador vê a tragédia se aproximando, o trem sai dos trilhos, ele grita, acordando em seguida dominado pelo medo característico dos pesadelos.

[168] Quando se tem esse tipo de sonho relacionado a atraso para tomar um trem, a interferência de obstáculos, o que acontece é o mesmo que na realidade concreta, quando se fica nervoso com qualquer coisa. Fica-se nervoso porque há uma resistência inconsciente à intenção da consciência. O mais irritante é que se quer conscientemente fazer alguma coisa e um demônio invisível está sempre atrapalhando e, logicamente, nós somos esse demônio. Trabalhamos apressadamente contra ele e ficamos nervosos. No

caso do paciente, aquela correria se dá contra a sua vontade. Ele não quer sair de casa e ao mesmo tempo se esfalta por consegui-lo, e todas as resistências e dificuldades não são exteriores, partem dele mesmo. O paciente é o maquinista, que pensa: "*Não temos nenhum problema; temos uma reta pela frente e podemos correr o quanto desejarmos*". A linha reta além da curva são os picos de 12.000 pés, que ele julga acessíveis.

[169] Naturalmente, ninguém que tiver essa chance pela frente vai deixar de tirar o máximo proveito dela. Assim, sua razão lhe diz: "Por que não ir em frente? Todas as possibilidades são suas". Ele não entende por que alguma coisa em seu interior se opõe a essas tendências. Mas o sonho o avisa para não ser tão insensato como o maquinista que se precipita para a frente a todo o vapor, quando a cauda do trem ainda não saiu da curva. Eis o que sempre esquecemos: nossa consciência é apenas uma superfície, a vanguarda de nossa vida psicológica. A cabeça é apenas uma parte, mas atrás dela vem uma longa cauda histórica de hesitações e fraquezas, de complexos, preconceitos e heranças, e sempre tomamos nossas decisões sem levá-la em consideração. Sempre acreditamos que poderemos andar em linha reta, apesar de nossa pobreza, que, entretanto, tem um peso oneroso, e freqüentemente derrapamos antes de atingirmos nossos objetivos exatamente por ignorarmos nossa cauda.

[170] Sempre digo que a psicologia do indivíduo tem atrás de si uma longa cauda sauriana, formada pela história da família, da nação, do continente e do mundo todo. Somos humanos e não podemos esquecer que carregamos um pesado fardo por sermos apenas humanos. Se fôssemos somente cérebro, seríamos como esses pequenos anjos que têm apenas asas e cabeça. É lógico que eles podem fazer o que querem, pois não levam um corpo que apenas pode movimentar-se no chão. Não posso deixar de dizer, não necessariamente ao paciente, mas a mim mesmo, que esse movimento peculiar do trem é o mesmo da serpente. Logo veremos porquê.

[171] O sonho seguinte é crucial, forçando-me a dar certas explicações. Aqui temos de nos defrontar com um animal que é parte lagarto e parte caranguejo. Antes de enfocarmos os detalhes do sonho, desejo fazer algumas observações sobre o método de abordagem dos significados oníricos. Os senhores sabem que há muitos mal-entendidos e divergências nesse setor.

[172] Conhecemos o que é livre associação. Este método, até onde vai a minha experiência, mostrou ser bastante duvidoso. Por meio dele a pessoa se abre a qualquer número e tipos de lembranças que lhe vier à cabeça, o que se acredita que conduzirá aos complexos. Não me interessa por saber os complexos de meus pacientes. Quero saber o que os sonhos têm a dizer sobre os complexos e não quais são eles. Quero saber o que o inconsciente de um homem está fazendo com os seus complexos. Eis o que decifro num sonho. Se eu aplicasse o método da livre associação, não teria necessidade dos sonhos. Fixaria uma tabuleta assim: "*Passagem para tal lugar*", fazendo os clientes meditarem nisso e darem vazão às livres associações que

surgissem, e invariavelmente tal procedimento conduziria aos complexos. Se estivermos num trem russo ou húngaro e ficarmos olhando as propagandas naquela grafia estranha, poderemos associá-la ao nosso mundo de complexos. É apenas uma questão de deixarmos-nos levar naturalmente.

[173] Entretanto não estou interessado nisso, mas sim no que seja o sonho. Por isso o abordo como se fosse um texto desconhecido, digamos, alguma coisa em grego, sânscrito ou latim, onde desconheço algumas palavras, ou então o texto é fragmentário. Aí aplico o método comum a qualquer filólogo na leitura de semelhante trabalho. Minha idéia é que o sonho não se esconde; o que acontece é que não conseguimos compreender a sua linguagem. Se eu citar aos senhores uma passagem grega ou latina, muitos não o entenderão, não porque o texto esconda ou dissimule, mas porque os senhores não entendem nem grego, nem latim. Da mesma forma, quando um paciente está confuso, não significa necessariamente que ele seja confuso, mas sim que o médico não entenda o seu material. A suposição de que o sonho quer encobrir não passa de uma idéia antropomórfica. Nenhum filólogo pensaria isso de uma inscrição sânscrita ou cuneiforme. Há uma máxima do Talmude que diz que o sonho é a sua própria interpretação. Ele é a totalidade de si próprio. E se julgarmos que há alguma coisa por trás ou que algo foi escondido, não há dúvida de que não o entendemos.

[174] Portanto, antes de mais nada, quando os senhores abordarem um sonho, pensem: *"Não entendo uma palavra do que está aqui"*. Recebo muito bem essa sensação de incompetência, pois então sei que será preciso um bom trabalho em minha tentativa de entender o sonho. O que faço é o seguinte: Adoto o método do filólogo que está bem longe de ser livre-associação, aplicando um princípio lógico – a **amplificação** que consiste simplesmente em estabelecer paralelos. Por exemplo, no caso de uma palavra muito rara, com a qual nunca antes nos defrontamos, tenta-se encontrar passagens de textos paralelos, se possível, aplicações paralelas, onde a palavra ocorra. Aí tentamos colocar a fórmula que adquirimos através dos conhecimentos de outros textos frente à passagem que nos trouxe dúvida. Se ela se tiver, então, tornado legível, poderemos dizer: *"Agora é fácil compreendê-la"*. Foi assim que aprendemos a ler hieróglifos e inscrições cuneiformes, e dessa mesma forma poderemos ler os sonhos.

[175] E agora, como poderemos descobrir-lhe o contexto? Sigo simplesmente o princípio da experiência das associações. Imaginemos os sonhos de um homem, com uma casa simples, como a de camponeses. Será que sei qual o significado dessa casa para esse homem? É evidente que não. Como poderia saber? Então pergunto-lhe: *"O que pode ser isso?"* – em outras palavras, qual o contexto, qual o tecido mental ao qual a designação "Casa de Camponês" está ligada. A resposta poderá ser surpreendente. É possível, por exemplo, que uma pessoa diga: "água". Será que eu sei o significado pessoal de água para essa pessoa? Absolutamente não. Se, num texto, eu apresentar tal palavra a alguém, essa outra pessoa poderá dizer – "verde". Uma outra, "H₂O", o que seria completamente diferente. Haveria ainda novas, diria infinitas, possibilidades: "mercúrio", "suicídio", etc. Em cada caso é possível descobrir a estrutura em que tais associações se inserem. Nisto consiste a amplificação, um procedimento lógico bem conhecido, aqui aplicado exatamente para formular a técnica de descobrir o contexto.

[176] Logicamente devo mencionar aqui o mérito de Freud, que nos despertou para toda a problemática dos sonhos, habilitando-nos a penetrar nesse mundo de imagens. Sabemos que sua idéia era que os sonhos representavam a distorção de um desejo oculto, não satisfeito, por discordar do consciente. Devido a essa censura, ele surge distorcido, para que a consciência não o reconheça, podendo assim, ao mesmo tempo, mostrar-se e viver. Freud nos diz: "Vamos corrigir por completo essa distorção; seja natural, abandone suas tendências deformadoras, deixe as associações correrem livremente, e aí chegaremos aos fatos naturais". Meu ponto de vista é totalmente diverso. Freud está procurando os complexos, eu não. Aí está a diferença central. Procuo saber o que o inconsciente está fazendo com os complexos, porque isso me interessa muito mais do que o fato de as pessoas terem complexos. Todos nós os temos; trata-se de um fato muito corriqueiro e desprovido de interesse. É apenas de interesse saber o que as pessoas fazem dos complexos; aí está o que realmente interessa, a questão prática central. Freud aplica um princípio totalmente diferente e oposto, que em lógica é chamado *reductio ad primam figuram* (redução à primeira figura). Isto é um tipo de silogismo, uma seqüência complicada de conclusões lógicas, cuja característica é começar de um juízo perfeitamente sensato, racional, e, através de observações e insinuações sub-reptícias, ir mudando a natureza da primeira assertiva sensata, até atingir a distorção completa, o aspecto insensato. Tal

distorção, segundo Freud, caracteriza o sonho; o sonho é uma sábia distorção, que disfarça a figura original, e deve-se simplesmente desfazer a teia, a fim de retomar a primeira afirmação racional, que pode ser: *"Quero cometer isso ou aquilo, tenho esse desejo incompatível"*. Começamos, por exemplo, com uma proposição perfeitamente razoável: "Nenhum ser insensato é livre" — quer dizer, não tem livre-arbítrio. É um exemplo usado em lógica. Uma afirmação bastante razoável. Agora, então, chegamos à primeira falácia. *"Portanto, nenhum ser livre é insensato"*, com o que é impossível concordar, pois aí já existe um truque. Então continua-se: *"Todos os seres humanos são livres — todos têm livre-arbítrio"*. E daí conclui-se triunfalmente: *"Portanto, nenhum ser humano é insensato"*. O que é a mais acabada das tolices.

[177] Suponhamos que o sonho seja uma bobagem igualmente desprovida de sentido. Isto é plausível, porque ele se apresenta de forma insensata; caso contrário, poderíamos entendê-lo imediatamente, e via de regra isso não acontece. Muito dificilmente os sonhos se desenrolam claramente do começo ao fim. Os mais comuns parecem coisas bobas, e por isso, são depreciados. Mesmo os primitivos, que fazem um grande alarde em relação a eles, dizem que os sonhos comuns não querem dizer nada. Há os grandes sonhos, próprios dos feiticeiros e dos chefes, nunca encontrados entre os homens comuns. Seu modo de falar é mesmo das pessoas, que vivem na Europa. Quando nos defrontamos com essa falta de sentido pensamos: *"Essa coisa confusa se deve atribuir a uma distorção ou falácia insinuada, que deriva de uma afirmação razoável"*. Desfazemos a coisa aplicando a *reductio ad primam figuram*, chegando à afirmação inalterada inicial. Vemos por aí que o procedimento de Freud em relação ao sonho é perfeitamente lógico, se presumirmos que a afirmação do sonho é desprovida de sentido.

[178] Convém termos em mente, ao concordarmos que existe a insensatez dos sonhos, que talvez não o entendamos por não sermos Deus, pelo contrário, somos seres humanos, falhos e dotados de uma mente muito limitada. Quando um paciente louco me diz qualquer coisa posso pensar: *"Tudo isto é bobagem"*. Na verdade, se o encarar cientificamente poderei dizer: "Não o entendo". Se o fizer de maneira anticientífica, reagirei assim: "Esse fulano não passa de um louco e eu sou inteligente". Esse argumento explica por que homens ligeiramente desequilibrados geralmente tendem a ser alienistas. É humanamente compreensível, porque dá uma tremenda satisfação, quando não se está muito seguro de si próprio, pensar: *"Ah, os outros são ainda piores"*.

[179] Mas a questão permanece: pode-se dizer, com toda segurança, que um sonho é uma bobagem? Será que estamos certos a respeito do que afirmamos? Teremos absoluta certeza, ao descobrirmos qualquer coisa totalmente contra as nossas expectativas, classificando-a como simples distorção? A natureza não comete erros. Certo e errado são conceitos humanos. O processo natural é o que é, e mais nada, — não é nem insensatez nem coisa sem razão de ser. Nós não o compreendemos, eis a verdade. Já que não somos Deus, mas homens de capacidade intelectual muito reduzida, é melhor que entendamos que não compreendemos os sonhos. Com essa convicção rejeito a abordagem preconcebida que afirma que um sonho é uma distorção, pois aí enxergo que se não entendo é porque minha mente é que é distorcida, e não estou tendo a percepção que deveria ter. Por isso emprego o método filológico usado na análise de textos difíceis, tratando os sonhos pelo mesmo sistema. Evidentemente o trabalho se torna bem mais difícil e circunstancial. Mas posso assegurar-lhes que os resultados são muito mais interessantes, quando se chega a coisas humanas, do que quando se aplica a mais monótona e horrorosa interpretação. Detesto ser chateado. Antes de tudo, devemos evitar especulações e teorias ao lidarmos com processos tão misteriosos como dos sonhos. Não devemos esquecer que durante milhares de anos homens inteligentes de grande conhecimento e experiência tiveram as mais diversas concepções sobre esse assunto. Foi apenas bem recentemente que inventamos a teoria de que os sonhos não são nada. Todas as outras civilizações tiveram idéias bem diferentes.

[180] Agora vou contar-lhes o grande sonho de meu paciente: *"Estou no interior, numa casa simples de camponês, com uma camponesa idosa e maternal, conto-lhe sobre uma grande viagem que estou para fazer: irei a pé da Suíça a Leipzig. Ela fica impressionadíssima, o que muito me agrada. Nesse momento, olho através da janela para um campo, onde os trabalhadores estão amontoando feno. Ai a cena se modifica. Surge ao fundo um lagarto-caranguejo. Inicialmente ele se move para a direita, e depois para a esquerda, de tal forma que me encontro em meio ao ângulo formado por suas oscilações, como se eu estivesse em meio ao ângulo de uma tesoura aberta. Tenho nas mãos um pequeno bastão ou galho, e com ele toco de leve a cabeça do animal, matando-o. Depois fico longo tempo olhando aquele monstro"*.

[181] Antes de abordar um sonho destes, tento sempre estabelecer uma seqüência, pois existe aqui uma história anterior, e a ele se desenrolará outra história. A continuidade é inerente à estrutura psíquica e não há razões de supormos o contrário, assim como não podemos imaginar que haja lapsos nos processos da natureza. A natureza é um contínuo, e muito provavelmente a nossa psique também o é. Tal sonho é apenas um relance ou uma observação da continuidade psíquica, que se torna visível a um dado momento, estando ligada a sonhos como o anterior, onde chamei a atenção dos senhores para o movimento do trem, que se assemelha à ondulação característica das cobras. Tal comparação é apenas uma hipótese, mas tenho que estabelecer essas conexões. Depois do sonho do trem, o paciente se vê de volta ao ambiente de sua primeira infância; está ao lado de uma camponesa maternal – uma leve alusão à mãe, como podemos facilmente observar. No primeiro sonho ele impressiona os meninos de sua cidadezinha com a figura magnífica, no casaco longo e preto de Professor. Também nesse sonho ele impressiona a mulher inofensiva, com sua grandeza e imensas pretensões de ir a pé até Leipzig – alusão à esperança de conseguir lá uma cadeira. O monstruoso lagarto-caranguejo é, obviamente, uma criação do inconsciente. Até aqui podemos ver sem muito grande esforço.

[182] Agora chegamos à busca do contexto. "*Quais são as suas associações com a 'casa simples de camponês'?*" e, para minha mais completa surpresa, ele diz: "*É a casa de Lázaro de S. Jakob, perto de Basileia*". Essa casa era um leprosário muito antigo, sendo que seu prédio ainda existe. O lugar também é famoso por uma batalha lá travada em 1444 pelos suíços contra o Duque de Borgonha, cujo exército tentou invadir nosso país, sendo posteriormente barrado pela vanguarda do exército suíço, um corpo de mil e trezentos homens que combateu as formações de Borgonha, compostas por 30.000 homens. Os suíços tomaram até o último homem, mas o seu sacrifício impediu a penetração maior do inimigo. A morte heróica dos 1.300 homens é um incidente notável em nossa história, e nenhum suíço consegue lembrá-la sem sentimentos patrióticos.

[183] Já que o paciente trouxe tais informações, devemos considerá-las no contexto do sonho. Aqui significa que ele está num leprosário. Em alemão, a casa de Lázaro é chamada "*Siechenhaus*", casa dos doentes (e doentes são os leprosos). Então o Professor é vítima de um mal revoltante e contagioso; ele é, portanto, um renegado pela sociedade humana, estando na casa dos doentes. Essa casa é caracterizada, ainda mais, pela desesperada luta, que foi uma catástrofe para os 1.300 homens, tragédia que se precipitou pelo fato de eles não obedecerem ordens. A vanguarda tinha recebido recomendações estritas de não atacar, de esperar até que o grosso das tropas suíças se tivesse reunido a eles. Mas, assim que avistaram o inimigo, não conseguiram mais conter-se, e indo contra o comando dos líderes, arremessaram-se teimosamente ao ataque, sendo logicamente mortos. Aqui voltamos novamente a essa idéia da precipitação, sem estabelecer contato com o corpo da retaguarda e, novamente, a ação é fatal. Isso me deu a impressão de coisa meio sinistra e fiquei pensando: "*Bem, para o que estará caminhando esse homem? O que está prestes a lhe acontecer?*" O perigo não está apenas na sua ambição, ou em que ele queira estar com sua mãe para cometer incesto, ou qualquer coisa desse tipo. Lembramo-nos bem de que o maquinista é um fulano meio idiota; ele se arremessa para frente, apesar de saber que a cauda do trem ainda não saiu da curva; ele não considera isso e se precipita, sem pensar no conjunto. Isto significa que o sonhador tem a tendência de se precipitar para a frente sem pensar em sua própria cauda, pensa apenas como se fosse dotado de cabeça, da mesma forma que a vanguarda se portou como se fosse o exército inteiro, esquecendo que deveria esperar e, porque não esperou, todo mundo foi morto. Esta atitude do paciente é o motivo de seus sintomas de doença da montanha. Ele está nas alturas, sem estar preparado para isso; esquece-se de onde veio.

[184] Talvez os senhores conheçam o romance de Paul Bourget, *L'Etape*. Seu tema é o fato de as origens humildes de um homem se agarrarem a ele, havendo assim limitações muito definidas à sua ascensão social. Eis o que o sonho tenta mostrar ao paciente. A casa e a camponesa idosa lembram-lhe a infância. Parece então que a mulher se refere à mãe. Devemos ser muito cautelosos nas suposições. Eis sua resposta à minha pergunta sobre a mulher: "*É a senhora minha locatária?*" É uma pessoa mais velha que ele, sem cultura e antiquada, vivendo logicamente num meio inferior ao seu. O paciente está muito nas alturas e esquece que a outra parte de seu eu, a que está invisível, é a família nele próprio. Por ser ele extremamente intelectual, o sentimento é a sua função inferior, não apresentando nenhuma diferenciação,

tendo portanto a forma de sua locatária. Tentando impor-se a ela, o paciente tenta impor-se a si mesmo com o plano mirabolante de ir a pé até Leipzig.

[185] E o que diz ele sobre essa viagem? — *"Ah, essa é a minha ambição, quero ir longe, quero conseguir uma cátedra"*. Eis a precipitação, a tentativa idiota, a doença da montanha. Este homem quer subir demais. O sonho se dá antes da guerra, e naquela época, ser professor, em Leipzig, era realmente qualquer coisa de fabuloso. Seu sentimento está profundamente reprimido, portanto não tem valores muito seguros e é bastante tímido. Ainda é a camponesa. Está ainda muito identificado com a própria mãe. Há muitos homens capazes e inteligentes, que não têm diferenciação de sentimentos, que ainda estão identificados com a mãe, contaminados por ela, vivendo em idade adulta como se fosse a mãe e sentindo como a mãe sente. Têm sentimentos maravilhosos com relação a bebês, com interiores de casas e salas bonitas, com lares na mais perfeita ordem. Às vezes acontece que esses indivíduos, depois de passarem dos quarenta, descubram o tom exato do sentimento masculino. E então surgem os grandes problemas.

[186] Os sentimentos de um homem representam-se por uma mulher, e assim aparecem nos sonhos. Designo esta figura pelo termo *anima*, por ser ela a personificação das funções inferiores, que relacionam o homem com o inconsciente coletivo. A totalidade do inconsciente coletivo apresenta-se ao homem sob forma feminina. Para a mulher ele se afigura como uma entidade masculina, e eu o denomino *animus*. Escolhi o termo *anima*, porque sempre foi usado para esse mesmo fato psicológico. Como personificação do inconsciente coletivo ela ocorre repetidamente em sonhos⁶. Fiz longas estatísticas sobre o aparecimento dessas imagens nos sonhos. É uma maneira de estudarmos empiricamente a sua manifestação.

[187] Quando perguntei ao meu paciente o que ele queria sugerir, quando me disse que a camponesa ficara impressionada com o seu plano, ele respondeu: *"Ah, bem, isso se refere à minha jactância. Gosto de me promover em frente a uma pessoa inferior, para mostrar-lhe quem sou eu; quando converso com pessoas inferiores, gosto de colocar-me em primeiro plano. Infelizmente, sempre tive que viver num meio inferior"*. Quando alguém se ressentido da inferioridade de seu próprio meio, julgando-se bom demais para ele, é porque a inferioridade de seu interior é projetada no meio externo, e aí a pessoa começa a irritar-se com coisas que deveria ver em si mesma. Quando ele diz: *"Meu meio é inferior e me aborrece"*, deveria antes dizer: *"Aborreço-me porque o meu meio interior está abaixo da crítica"*. Tal pessoa não tem valores certos, é inferior em sua vida sentimental. Aí está o verdadeiro problema.

[188] Neste momento o paciente olha pela janela e vê os camponeses amontoando feno, dando-lhe isso clara visão do trabalho que executara no passado e trazendo-lhe de volta cenas e situações similares. Era verão e o trabalho de acordar bem cedo, revirar o feno durante o dia e recolhê-lo à noite era deveras duro. Evidentemente, é o trabalho simples e honesto dessas pessoas; o paciente se esquece que apenas o trabalho simples e decente pode levá-lo a alguma coisa e nunca uma escalada sem medidas. Ele também revelou, e isso eu devo mencionar aqui, ter em sua casa um quadro com camponeses ajuntando feno, mas sua explicação é a seguinte: *"Ah, essa é a origem da cena que sonhei"*. O sonho não é mais que um quadro de parede, não tem importância alguma. Não vale a pena prestar-lhe maior atenção. Nesse momento a cena sofre aquela transformação. E quando há uma mudança de cena, pode-se concluir, com segurança, que a representação de um pensamento inconsciente chegou ao clímax, sendo impossível levá-lo adiante. Na parte seguinte do sonho, as coisas começam a ficar mais obscuras; surge o lagarto-caranguejo, aparentemente uma coisa monstruosa. *"E o caranguejo? Onde foi você arrumar esse diabo de idéia?"* Ele responde: *"Trata-se de um monstro mitológico, que anda para trás. Não sei como cheguei a isso; provavelmente através de algum conto de fadas ou qualquer coisa semelhante"*. Tudo o que foi mencionado antes eram coisas da vida real, elementos que de fato existiam. Mas o caranguejo não é experiência pessoal, é um arquétipo. Quando um analista tem que lidar com um arquétipo, é bom que comece a pensar. Ao tratar do inconsciente pessoal não se tem o direito de pensar demais, nem de somar nada às experiências do paciente. É possível adicionar qualquer coisa à personalidade de alguém. Você é uma personalidade definida. E o outro também tem vida e estrutura mental próprias, e por isso mesmo ele é uma pessoa. Mas quando não se trata mais de sua pessoa, quando eu também sou ele, a estrutura básica de sua mente é fundamentalmente a mesma, aí eu posso começar a

⁶ *Tipos Psicológicos*, Def. 48, e também *Two Essays*, pars. 296s (Cf. ainda *Aion*, in *Obra Completa*, vol. IX/2, cap. 3).

pensar e fazer associações em seu lugar. É possível até fornecer-lhe o contexto apropriado, pois o paciente está completamente solto e sem orientação, não sabe de onde vem o lagarto-caranguejo, nem qual o seu significado; mas conheço essas coisas e posso dar-lhe o material.

[189] Apontei-lhe o motivo do herói ao longo de todos os sonhos. Ele tem uma fantasia de herói acerca de si mesmo, que aparece visível no último sonho. O homem notável, de casaco longo e planos grandiosos é a personificação do herói, que também morre no campo de honra de São Jacob; vai mostrar ao mundo quem ele é, e obviamente é ele o herói que sobrepuja o monstro. O motivo do herói é invariavelmente acompanhado pelo motivo do dragão. Essas duas figuras, que se defrontam em luta, fazem parte de um mesmo mito.

[190] No sonho o dragão aparece como o lagarto-caranguejo. Essa afirmação evidentemente não explica o que o dragão, como imagem, representa de sua situação psicológica. Assim as associações seguintes são feitas em relação ao monstro. Quando este se move, primeiro para a esquerda e depois para a direita, o sonhador tem a impressão de estar parado, num ângulo semelhante ao formado pelas lâminas de uma tesoura. Isso seria fatal. Sua interpretação é feita segundo algumas leituras de Freud: a situação reflete um desejo incestuoso, sendo o monstro uma figura da mãe, e o ângulo aberto, as pernas dela. Ele, estando ali no meio, estaria acabando de nascer ou simplesmente voltando para a mãe.

[191] Bem estranhamente, na mitologia, o dragão é a mãe⁷. Encontramos esse motivo pelo mundo todo, e o monstro é denominado o dragão-mãe. Esse monstro absorve a criança novamente, suga-a para dentro depois de tê-la feito nascer. A "mãe terrível", como também é chamada, vive à espera, de boca escancarada, nos mares do Ocidente, e quando um homem se aproxima, ela se fecha sobre ele, e é o fim. Essa figura monstruosa é a mãe-sarcófago, a devoradora de carne humana; sob outra forma, ela é a Matuta, a mãe dos mortos, a deusa da morte.

[192] Mas estes paralelos ainda não explicam por que o sonho escolheu exatamente a imagem do caranguejo. Afirmo — e quando digo isso tenho algumas razões para fazê-lo — que representações de fatos psíquicos através de imagens como cobra, lagarto, caranguejo, mastodonte, ou animais semelhantes, também representam fatores orgânicos. A serpente, via de regra, representa o sistema raquidiano (cérebro-espinhal) particularmente o bulbo e a medula. O caranguejo, por outro lado, sendo dotado apenas de um sistema simpático, representa as funções relativas a esse setor nervoso, mais o para-simpático, ambos localizados no abdômen. O caranguejo é uma coisa abdominal. Então se traduzirmos o texto do sonho, poderemos ler: se você continuar assim, seu sistema simpático e raquidiano voltar-se-á contra você, e aí não haverá como fugir. E é isso o que está acontecendo. Os sintomas de sua neurose expressam a rebelião das funções simpáticas e do sistema raquidiano contra a sua atitude consciente.

[193] O lagarto-caranguejo traz a imagem do dragão e do herói como inimigos mortais, mas em alguns mitos vê-se o fato interessante de o herói não estar ligado ao dragão apenas pela luta. Às vezes, pelo contrário, existem indícios de que o próprio herói é o dragão. Na mitologia escandinava o herói é reconhecido pelo fato de ter olhos de cobra.

[194] Agora, em nosso sonho, o monstruoso lagarto move-se primeiro para a direita, e eu pergunto ao paciente sobre o seu lado esquerdo. *"O caranguejo aparentemente desconhece o caminho; a esquerda é desfavorável, a esquerda é sinistra"*. Sinistro realmente significa esquerdo e desfavorável. Mas o lado direito é igualmente ruim para o monstro, pois quando ele se volta para esta direção é morto pelo bastão. Consideremos agora o fato de ele estar entre o ângulo de movimento do animal, situação que o sonhador interpretou como incesto. São suas palavras: *"Na verdade eu me sentia rodeado por todos os lados, como o herói que vai enfrentar um dragão"*. Dessa forma o paciente conscientiza o motivo do herói.

[195] Mas diferindo do herói mítico, ele não enfrenta o inimigo com uma arma, mas com um bastão. *"A julgar pelo seu efeito sobre o monstro, dir-se-ia ser aquilo uma varinha mágica"*, diz o sonhador. O uso feito do bastão é realmente o de um prestidigitador. Trata-se de um outro símbolo mítico, que às vezes se faz acompanhar de uma alusão sexual, e a mágica sexual é freqüentemente um meio de proteção contra o perigo. Todos podem lembrar-se que, também durante o terremoto de Messina (o autor se refere à tragédia de 1908, quando 90% daquela cidade siciliana foi destruída, havendo a perda de 60.000 vidas), a natureza produziu certas reações instintivas contra a destruição sem limites.

⁷ Ver p. ex. *Symbols of Transformation*, Part. II, cap. V, especialmente part. 395.

[196] O bastão é um instrumento e, nos sonhos, os instrumentos representam o que são na realidade: recursos do homem para concretizar a sua vontade. Uma faca é a minha vontade de cortar; uma lança é um braço mais longo; com um rifle projeto minha ação e minha influência a uma grande distância; com um telescópio faço o mesmo com relação aos meus olhos. O instrumento é o mecanismo que representa minha vontade, inteligência, capacidade e percepção. A aparição dele em sonho supera um mecanismo psicológico análogo. Bem, o instrumento do paciente é a varinha mágica. Ele usa uma coisa maravilhosa para volatizar o monstro, quer dizer, seu sistema nervoso inferior. O sonhador pode fazer uso dessa idiotice a qualquer hora e sem esforço algum.

[197] O que isso significaria realmente? Significa que o homem que estamos focalizando acredita que o perigo simplesmente não existe. É o que acontece comumente; acreditamos que uma coisa não existe e ela simplesmente desaparece. Eis como se comportam as pessoas que só têm cabeça. Usam o intelecto a fim de afastar as coisas por meio de um raciocínio qualquer. Dizem: *"Isso é insensato, portanto não pode ser, portanto não é"*. É assim que faz o nosso amigo. Ele simplesmente abole o monstro através do raciocínio. "Não existe essa coisa de lagarto-caranguejo, não pode existir uma força que se oponha ao que eu quero. Vou livrar-me dele; penso e a coisa incômoda simplesmente desaparece. Penso que o bicho é a minha mãe com a qual quero cometer incesto. Este pensamento resolve o caso, porque não posso fazer uma coisa dessas". Perguntei-lhe: *"Muito bem, você matou o animal; qual a razão de, depois, ficar a contemplá-lo durante tão longo tempo?"* E ele respondeu: *"Ah, bem, é naturalmente maravilhoso como se pode liquidar uma criatura dessas com tamanha facilidade"*. Só pude dizer: *"Sim, é mesmo mais que maravilhoso"*.

[198] Aí dei-lhe a minha visão do problema: *"Olhe aqui, a melhor maneira de lidar com um sonho é considerar a si próprio como criança ou jovem ignorante, e chegar a um velho de dois milhões de anos ou à velha mãe dos dias e perguntar-lhe: "Bem, o que você acha de mim? E ela, certamente, dirá: Seu plano é ambicioso e imbecil porque vai contra os seus instintos. Suas capacidades restritas bloqueiam o caminho. E você quer abolir o obstáculo por meio de um pensamento mágico, julga poder evitá-lo com os artifícios do intelecto. Mas essas coisas ainda vão lhe dar muito o que pensar, pode crer"*. E ainda continuei: *"Em seus sonhos há um aviso. Você se comporta exatamente como os suíços e o maquinista, que foram insensatos o suficiente para lançarem-se contra o inimigo, sem a garantia de nenhum reforço. E se o seu comportamento continuar dentro dessa linha, pode preparar-se para uma catástrofe."*

[199] O paciente estava convicto de que eu levava a coisa excessivamente a sério. Acreditava que era muito mais provável que os sonhos proviessem de desejos incompatíveis, e que ele realmente tinha impulsos incestuosos, insatisfeitos como base de seus sonhos. Agora tinha a consciência de seus problemas, sendo que em breve ficaria livre deles, podendo portanto ir a Leipzig. Disse-lhe então — *"Bon voyage"*. E ele nunca mais voltou. Levou seus planos adiante e não foram necessários mais de três meses para que perdesse o seu cargo e fosse para os diabos. Foi o seu fim. Ele se atirou contra o perigo fatal do lagarto-caranguejo, sem entender as advertências. Mas não quero deixá-los excessivamente pessimistas. Às vezes há pessoas que conseguem entender o que sonham e chegam a conclusões bem mais felizes e favoráveis.

DISCUSSÃO

Dr. Charles Brunton:

[200] Não sei se é honesto fazer perguntas sobre os sonhos de alguém que não esteja presente, mas tenho uma filhinha de 5 anos e meio que teve dois sonhos que a despertaram durante a noite. O primeiro deles ocorreu em meados de agosto e ela me disse o seguinte: *"Estou vendo uma roda que despenca morro abaixo e ela vem me queimar"*. Foi tudo o que consegui extrair. Pedi-lhe que fizesse o desenho do sonho, mas, como minha insistência parecia aborrecê-la, resolvi deixá-la em paz. O último sonho foi na semana passada: *"Uma barata está me picando"*, foi tudo o que a menina disse sobre o assunto. Não sei se o senhor gostaria de dizer

alguma coisa a respeito. Gostaria de acrescentar apenas que ela sabe a diferença entre a barata e o caranguejo. Tem verdadeira paixão por eles.

Prof. Jung:

[201] Devemos considerar que é muito difícil, e não suficientemente justo, comentarmos os sonhos de quem não conhecemos bem; mas poderei abordá-los, limitando-me ao ponto de vista simbólico.

[202] A barata, segundo penso, relaciona-se ao sistema simpático. Daí ser possível calcular que haja certos processos psicológicos estranhos desenrolando-se na criança, que afetam esse sistema, o que poderá provocar-lhe alguma desordem abdominal ou intestinal. A afirmação mais cautelosa que nos podemos permitir é a de que pode ter havido um certo acúmulo de energia no sistema simpático, causando ligeiros distúrbios. O que também é expresso pela simbologia da roda de fogo, que em seu sonho parece surgir como um símbolo solar, correspondendo o fogo, na filosofia tântrica, ao chamado *manipura chakra*, que se localiza no abdômen. Nos sintomas prodromais da epilepsia, às vezes encontramos a idéia de uma roda que gira no interior da pessoa. Isto também expressa uma manifestação duma natureza simpática. A imagem da roda que gira lembra a crucifixão de íxion. O sonho da garotinha é um sonho arquetípico, um desses estranhos sonhos que as crianças costumam ter.

[203] Explico esses sonhos arquetípicos infantis pelo fato de, quando a consciência começa a emergir, e a criança começa a perceber que ela é, está ainda próxima ao universo psicológico do qual está começando a sair: uma condição de profunda inconsciência. Eis por que encontramos em muitas crianças a percepção de conteúdos do inconsciente coletivo, que em certas crenças orientais é interpretada como reminiscência de uma vida anterior. A filosofia tibetana, por exemplo, fala da existência no "Bardo", da condição da mente inserida entre a morte e o nascimento⁸. A idéia de uma existência anterior é a projeção das condições psicológicas da primeira infância. Crianças de pouquíssima idade ainda guardam consciência de elementos míticos, e se esses elementos permanecerem conscientes por muito tempo, o indivíduo estará ameaçado por uma incapacidade de adaptação; amedrontado pelo contínuo apelo de permanecer ou de retornar à visão original do mundo. Tais experiências encontram belas descrições em místicos e em poetas.

[204] Normalmente na faixa de quatro a seis anos o véu do esquecimento se estende sobre esses fatos. Presenciei casos de crianças etéreas, por assim dizer, que tinham uma extraordinária sensibilidade para tais conteúdos, continuando a viver suas vidas em sonhos arquetípicos, sem terem chances de adaptação na vida real. Examinei recentemente uma menina de dez anos que tivera os mais espantosos sonhos arquetípicos⁹. E seu pai me consultou a respeito. Foi-me, entretanto, impossível dizer-lhe o que eu pensava, pois eles continham um prognóstico trágico. Um ano mais tarde a menina morreu de uma doença infecciosa. Ela nunca chegara a nascer inteiramente.

Dr. Leonard F. Browne:

[205] Gostaria de fazer ao Prof. Jung uma pergunta relacionada à interpretação dos sonhos que foram contados hoje. Já que o paciente não conseguiu aceitar a interpretação, será que essa dificuldade não poderia ser ultrapassada através de alguma variação na técnica de análise?

Prof. Jung:

[206] Se eu tivesse vocação para missionário ou para salvador, poderia ter usado um truque brilhante. Diria ao paciente: "Sim, é realmente o complexo materno", e ficaríamos meses a fio conversando nessa gíria, e talvez no final eu o vencesse. Mas a experiência prova que tal procedimento não é bom; não devemos trapacear as pessoas, nem se o fizermos por bem. Não

⁸ Cf. W. Y. Evans-Wentz, *The Tibetan Book of The Dead*.

⁹ Cf. Jung, "Approaching The Unconscious", in *Man and his Symbols*, p. 69s. O caso também se encontra discutido em Jacobi, *Complex/Archetype/Symbol*, p. 139s.

quero tirar as pessoas de seus enganos através de tapeações. Talvez fosse melhor, para aquele homem, se arrebentar do que se salvar por meios errados. Nunca ludibrio as pessoas. Quando um homem me diz: "Vou suicidar-me", minha resposta é a seguinte: *"Se esta é a sua intenção não oponho objeções"*¹⁰.

Dr. Browne:

[207] Houve alguma evidência de que a doença da montanha tivesse sido curada?

Prof. Jung:

[208] O paciente perdeu a sua neurose descendo à vida. Seu meio próprio não estava a 6.000 pés de altura, mas sim mais abaixo. Ele tornou-se inferior, ao invés de ficar neurótico. Certa vez, em conversa com um chefe de uma grande instituição nos EUA para crianças delinquentes, tomei conhecimento de uma experiência extremamente interessante. Lá eles estabeleceram duas categorias de crianças. A maior parte, quando chega à instituição, sente-se melhor, desenvolvendo-se normalmente, e eventualmente consegue sair do que era o seu mal inicial. A outra categoria, minoritária, torna-se histérica quando tenta ser normal e sociável; estes são os criminosos inatos, impossíveis de serem mudados. Para eles a normalidade é o erro. Nós também não nos sentimos muito bem quando temos de atuar com perfeição. E isso porque não somos perfeitos. Os hindus, ao construírem um templo, deixam um canto sem terminar; só os deuses criam com perfeição. É preferível reconhecer a própria falha, aí a gente se sente melhor. É o que se dá com essas crianças e também com nossos pacientes. Iludir as pessoas e levá-las a um nível superior à sua verdade constitui uma falsidade. Se está num homem a possibilidade de adaptar-se, vamos então ajudá-lo de todas as formas possíveis; mas se sua missão realmente é não adaptar-se, façamos o esforço de deixar-lhe livre esse caminho, pois só assim ele estará bem.

[209] O que seria do mundo se todos fossem bem ajustados? Haveria um tédio sem fim. É preciso que alguém se comporte de maneira errada, sendo o bode expiatório e objeto de interesse das outras pessoas. Imaginem o quanto devemos ser gratos às histórias de detetives e aos jornais, por podermos dizer: *"Graças a Deus não sou o fulano que cometeu um crime, sou uma criatura perfeitamente inocente"*. Sentimo-nos satisfeitos porque a pessoa perversa cometeu o crime por nós. Este é o sentido profundo de Cristo, enquanto redentor, ter sido crucificado entre dois ladrões; eles também, à sua maneira, eram redutores da humanidade, eram os bodes expiatórios.

Dr. Browne:

[210] Se eu não estiver voltando atrás em demasia, gostaria de perguntar-lhe uma coisa sobre as funções psicológicas. Numa resposta da noite passada o Professor disse que não há critério para considerar nenhuma das funções como superior à outra, e mais adiante, que as quatro teriam que ser igualmente diferenciadas a fim de termos o conhecimento completo e adequado do mundo. Seria, portanto, sua idéia, que há a possibilidade, em algum caso, de as quatro funções se diferenciarem igualmente, ou que se chegue a isso através da educação?

Prof. Jung:

[211] Não creio que seja possível diferenciar igualmente todas as funções, pois nesse caso estaríamos chegando à perfeição divina, o que certamente nunca acontecerá. Haverá sempre uma jaca no cristal; atingir a perfeição é impossível. Além do mais, se as quatro pudessem ser igualmente diferenciadas, poderíamos apenas torná-las funções conscientemente disponíveis. E

¹⁰ Cf. Jung retornará a este assunto na conferência seguinte com mais nuances. — Por sua resposta um tanto cínica, vê-se que Jung não era de modo algum um moralista, não sendo um psicoterapeuta, que quisesse a qualquer custo adaptar seus pacientes à sociedade. Na sua prática cotidiana fazia o impossível para evitar o suicídio. De um ponto de vista teórico, as tendências suicidas, tão freqüentes no curso de um tratamento analítico, devem ser compreendidas simbolicamente, isto é, como uma mudança radical na atitude do "eu" em relação à vida (L. B.).

estaria perdida a ligação preciosa com o inconsciente, através da função inferior, que invariavelmente é a mais frágil; apenas através de nossa fraqueza e incapacidade estamos ligados ao inconsciente, ao nosso mundo inferior dos instintos e aos nossos companheiros no mundo. As virtudes apenas auxiliam o homem a tornar-se independente; aí, então, já não se tem mais necessidade de ninguém, aí somos reis. Mas em nossa inferioridade estamos unidos à humanidade e ao mundo dos instintos. Nem seria vantagem atingir o desenvolvimento perfeito das quatro funções, porque isso levaria à completa falta de consistência. Não tenho mania de perfeição. Meu princípio é: pelo amor de Deus, não seja perfeito, mas tente, por todos os meios, ser completo – tenha o significado que tiver.

Pergunta:

[212] Posso perguntar o que é ser completo? É possível que o senhor se estenda mais sobre esse ponto?

Prof. Jung:

[213] Devo deixar alguma coisa para o seu esforço mental. Sem dúvida, é um trabalho extremamente divertido pensar, ao voltar para casa, o que possivelmente significa ser completo. Não devemos privar as pessoas do prazer da descoberta. Ser completo é um problema muito grande, e falar sobre isso é estimulante, mas alcançar esse estágio é a coisa essencial.

Pergunta:

[214] Como se enquadra o misticismo em seu esquema?

Prof. Jung:

[215] Em que esquema?

Réplica:

[216] O esquema da psicologia e da psique.

Prof. Jung:

[217] O Senhor deveria definir o que entende por misticismo. Suponhamos que o senhor se refira à idéia de pessoas que passaram por uma experiência mística. Os místicos são pessoas que têm a vivência particularmente aguda do inconsciente coletivo. É a experiência dos arquétipos.

Pergunta:

[218] Há alguma diferença entre formas arquetípicas e formas místicas?

Prof. Jung:

[219] Não faço distinção alguma entre uma coisa e outra. Ao estudarmos a fenomenologia da experiência mística deparamo-nos com fatos realmente interessantes. Por exemplo, todos sabemos que o paraíso cristão é masculino, sendo que aí o elemento feminino é tão-somente tolerado. A Mãe de Deus não é divina; é apenas arqu-santa; intercede por nós junto ao trono de Deus, mas não participa da divindade, nem pertence à Trindade.

[220] Há, entretanto, alguns místicos cristãos que têm uma experiência totalmente diferente. Há, por exemplo, o místico suíço, Nicolau de Flüe¹¹. Ele sentiu um Deus e uma Deusa. Temos também um místico do século XIII, Guillaume de Diguileville, que escreveu: *Pèlerinage de*

¹¹"Brother Klaus", in C.W., vol. 11.

*l'âme de Jésus Christ*¹². Como Dante teve a visão do paraíso em seu ponto mais alto, *le ciel d'or*, e lá, sobre um trono mil vezes mais brilhante que o sol, sentava-se o Rei, o próprio Deus, e a seu lado, num trono de cristal de tom castanho, a Rainha, presumivelmente a Terra. É uma visão que escapa à idéia da Trindade, uma experiência mística de natureza arquetípica que inclui o princípio feminino. A Trindade é uma imagem sentada num arquetipo de natureza exclusivamente masculina. Na igreja primitiva a interpretação gnóstica do Espírito Santo como feminino era considerada heresia.

[221] Imagens dogmáticas, como a da Trindade, são arquétipos transformados em idéias abstraias. Existe ainda grande número de experiências místicas na Igreja, cujo caráter arquetipo encontra-se bastante visível; entretanto, às vezes lá se encontram elementos heréticos ou pagãos. Lembremos, por exemplo, São Francisco de Assis. Apenas através da grande habilidade diplomática do Papa Bonifácio VIII o Santo pôde ser assimilado Igreja. Basta lembrarmos o seu relacionamento com os animais para que a dificuldade seja compreendida. Animais como a totalidade da natureza eram tabu para a Igreja. Temos, entretanto, animais sagrados como o cordeiro, a pomba e, na Igreja primitiva, o peixe, sendo todos eles objetos de adoração.

Pergunta:

[222] Poderia o Prof. Jung dar-nos a diferença da dissociação na histeria e na esquizofrenia?

Prof. Jung:

[223] Na histeria as personalidades dissociadas ainda permanecem numa espécie de inter-relação, o que sempre oferece a imagem de uma personalidade total; sendo ainda possível estabelecer um relacionamento com a pessoa, podemos sentir uma reação dos seus sentimentos. Há apenas a divisão superficial de alguns compartimentos da memória, mas a personalidade básica está sempre presente. Na esquizofrenia não acontece a mesma coisa, há apenas fragmentos, sendo impossível estabelecer a totalidade. Eis por que, se tivermos uma pessoa que vimos sã pela última vez e que, de repente, enlouqueceu, levamos um choque tremendo ao confrontarmos com a personalidade fragmentária, partida. Pode-se manipular apenas um fragmento de cada vez, como um caco de vidro. Não há um contínuo na personalidade, enquanto que, em um caso histórico, pensamos: Ah, se eu pudesse apagar esse tipo de obscuridade, de sonambulismo, aí surgiria a soma total do indivíduo. Na esquizofrenia a dissociação é profunda. Os fragmentos jamais se juntam.

Pergunta:

[224] Existem algumas concepções estritamente psicológicas que expliquem tais diferenças?

Prof. Jung:

[225] Há alguns casos-limite onde se podem aproximar as partes, se for possível reintegrar os conteúdos perdidos. Conto-lhes um caso que me foi apresentado: uma mulher estivera por duas vezes num asilo de loucos, com ataques tipicamente esquizofrênicos. Quando a vi pela primeira vez ela já estava melhor, encontrando-se, porém, ainda em estado alucinatório. Vi que era possível atingir os elementos fragmentários. Aí começamos a rever todos os detalhes das experiências pelas quais ela passara no asilo. Passamos todas as vozes e decepções, e expliquei-lhe cada fato, a fim de que ela pudesse associá-los à sua consciência. Mostrei-lhe o que eram os conteúdos inconscientes que surgiram durante a insanidade, e por ser a paciente dotada de bastante inteligência, dei-lhe livros através dos quais ela adquiriu uma boa dose de conhecimento, especialmente mitológico, pelo qual lhe era dado vislumbrar sua própria integridade. As linhas de quebra ainda existiam, evidentemente, e quando depois lhe sobrevinha uma onda de desintegração, eu pedia que a paciente pintasse ou desenhasse aquela situação

¹² In *Psychology and Alchemy*, C.W., vol. 12, pars. 315s.

particular, a fim de conseguir um quadro de sua totalidade, que objetivasse a sua condição. Ela me trouxe um bom número de pinturas que sempre a ajudaram quando a sensação de perder-se a dominava. Assim eu a mantive na superfície, impedindo-a de afogar-se durante doze anos aproximadamente, e não houve mais ataques que determinassem um novo internamento. Ela sempre conseguiu proteger-se das crises objetivando seus conteúdos. Disse-me a paciente que antes de qualquer outra coisa, quando fazia um determinado desenho, pegava seus livros e lia um capítulo sobre os traços principais do trabalho que fizera, a fim de pô-lo em contato geral com a humanidade, com o saber do povo, com o consciente coletivo, e então voltava a sentir-se bem. Disse-me que se sentia adaptada, não estando assim à mercê do inconsciente coletivo. Como podemos imaginar, nem todos os casos são tão fáceis como o que acabei de narrar. Em princípio não posso curar a esquizofrenia; ocasionalmente, com muita sorte posso sintetizar os fragmentos. Mas não gosto de fazê-lo, pois trata-se de um trabalho assustadoramente difícil¹³.

¹³ Parece-nos que, neste ponto, Jung, que dedicou toda a sua vida a compreender a psicose, foi excessivamente reservado. Hoje em dia os progressos magníficos alcançados pela farmacologia e pelo trabalho terapêutico realizado durante 25 anos pela Clínica C. G. Jung em Zurique e por outras nos encorajam bastante a tentarmos em muitos casos o tratamento. Embora mantenhamos ainda os mesmos princípios em relação às possibilidades de uma cura dos esquizofrênicos, constatamos, realmente, mais de uma vez que, o que era diagnosticado de um ponto de vista psíquico como esquizofrenia não o era, na realidade, pelo menos se julgarmos os resultados estáveis e duráveis obtidos em certos casos. Nesses, a análise psicológica permitiu dissolver uma estrutura esquizofrênica que na realidade era a expressão de uma neurose confusa e complicada. A observação de tais casos levou-nos a dar uma importância relativa ao diagnóstico, predispondo-nos, antes, a observar a tendência construtiva e unificadora do fundo da psique, observáveis pelos sonhos. O tratamento de tais casos exige um conhecimento profundo da linguagem simbólica do inconsciente, um sentido apurado da relação analítica; esclareçamos, uma afinidade real entre o analisado e o analista, sem falar do grande devotamento exigido deste último.

Acrescentamos esta nota porque a idéia de que a esquizofrenia é incurável é extremamente nefasta para os que a padecem, entre os quais encontramos seres de uma grandeza humana incomensurável (L. B.).